

mas estes de importação indirecta, pois nos vieram, nesta primeira fase de contribuição, através do latim, como o demonstrou sábiamente o Doutor Rebêlo Gonçalves.

Do fenício também temos vestígios, segundo o Dr. José Pedro Machado que vê no topónimo *Fão*, um vocábulo desse povo.

Ainda na idade-média, verificamos ao lado destas importações por via popular, outras de origem literária: são elas a do Provençal e a do Francês.

Influência do Provençal trazida pela sua poesia que entre nós se imitou, e impulsionou a nossa, até então de exclusiva tradição oral; influência do Francês, sobretudo, pelos romances de cavalaria do ciclo Carolino-Francês.

Doutros Países, com os quais mantivemos relações comerciais, como a Holanda, por exemplo, recebemos também alguns elementos por importação popular.

Com o Renascimento, com o Humanismo, com os nossos descobrimentos, o léxico português enriquece-se mais.

O Renascimento trazendo ao gôsto da época as manifestações artísticas da Grécia e de Roma, permite a entrada, no português, de grande número de latinismos e de helenismos. Do mesmo modo e com elementos da mesma natureza contribuíram os humanistas, que chegaram por vezes a escrever exclusivamente em latim.

Porém, a maior riqueza vocabular, mais viva e exótica, é introduzida pelos descobrimentos: entram na língua novas palavras, reflexos de novos costumes, de novas crenças, novas faunas, novas floras, novas raças, de novos meios, numa palavra.

Ao lado, porém, destas influências, outra, de não menor importância, e da mesma época, se nota: a do espanhol. Esta influência foi tão grande que para caracterizá-la basta dizer-se que quasi todos os escritores do séc. XVI e alguns do séc. XVII escreveram em espanhol, como o confirma António Ferreira ao lastimar-se de que os poetas desprezem a língua portuguesa, para êle mais expressiva do que qualquer outra.

Paralela ainda à influência dos nossos descobrimentos verificam-se ainda algumas contribuições alemãs, em termos comerciais, designadamente de organização bancária, a princípio, e posteriormente de outras ciências, geológica sobretudo.

Depois da imitação do figurino espanhol e do lote de espanholismos que a acompanhou, muda-se de moda no séc. XVIII, e cabe ao Francês, novamente, o papel de exportador.

Essa influência foi tão grande, que feriu a atenção dos mais puristas, que a combateram, como Deniz da Cruz e Silva que no seu poema herói-cómico, o «Hyssope» lhe dedica algumas páginas de sátira.

Conservamos ainda vestígios doutras influências, como do inglês, em termos de *sport* e confôrto, sobretudo, do italiano, em termos das artes, como a música, por exemplo.

Outros países, ainda, têm contribuído para o encorpamento do nosso léxico, tanto por via comercial, como por via científica.

Finalmente, o progresso das ciências tem trazido, não só para o português, como para tôdas as línguas cultas, uma nova invasão de helenismos.

Os elementos constitutivos do português, em números de estatística, pretendeu dá-los Antenor Nascentes no estudo que precede o seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Essa estatística, porém, está longe de corresponder à verdade, porquanto o Dicionário é de âmbito reduzido. Só o conhecimento da língua dos textos, manuscritos e impressos, a língua falada, por tôdas as camadas sociais, no País, nas Colónias e noutros pontos do globo onde o português se fale, poderá permitir um Dicionário, o verdadeiro Dicionário da Língua Portuguesa, com menos lacunas, mas ainda não isento delas, se atendermos a que algumas palavras terão ficado pelo caminho, esquecidas pelo povo, e ignoradas dos escritos. E quando êsse Dicionário estiver realizado, e nos apresente o léxico no tempo e no espaço, poderão ser convenientemente estudados os problemas mais interessantes da Lingüística.